Polifonia na Sé de Angra
O *Liber Missarum* de Duarte Lobo

LUÍS HENRIQUES | TEXTO
ARTIGO SELECCIONADO PELO CONSELHO CIENTÍFICO LUSÓFONO

O fundo musical do Arquivo Capitular da Sé de Angra abrange uma vasta colecção de manuscritos e impressos musicais. Estes abrangem um período entre a segunda metade do século XVIII e o século XX. Recentemente, foi identificada neste fundo uma edição do *Liber Missarum* de 1621 do compositor português Duarte Lobo, impressa em Antuérpia na Officina Plantiniana. Haveria uma tradição de polifonia vocal sacra na Sé de Angra que explique a existência de uma obra estranha ao restante fundo musical? Qual a proveniência deste livro e, no caso de ter sido adquirido para a Sé, quem o fez e em que período histórico?

Palavras-chave: polifonia, Duarte Lobo, Liber Missarum, Angra do Heroísmo

O Arquivo Capitular da Sé de Angra alberga uma vasta colecção musical, compreendendo cerca de seiscentos manuscritos e impressos, abrangendo um período cronológico que começa na segunda metade do século XVIII e termina no século XX. Entre estes, foi recentemente identificada uma cópia do *Liber Missarum* do compositor Duarte Lobo, impresso em Antuérpia no ano de 1621, oitenta e sete anos após a criação do Bispado de Angra.

A ideia de uma diocese nas ilhas dos Açores (na altura chamadas "ilhas terceiras") tem antecedentes desde 1528, data do documento através do qual o Rei de Portugal, D. João III, fez mercê a D. António de Azevedo Coutinho do "bispado das ilhas terceiras". A criação deste bispado insere-se num projecto mais vasto, que compreendia a criação de bispados nos já vastos domínios portugueses (Açores, Cabo Verde, Guiné e Goa), ficando estes sob a jurisdição do Funchal, que seria elevado a arcebispado[1]. Este monarca fez-se representar junto da Santa Sé, através do diplomata D. Martinho de Portugal, com vista à erecção de vários bispados, sendo um deles nas "ilhas terceiras". Esta intenção veio a confirmar-se com a criação do Bispado de Angra a 3 de Novembro de 1534, pelo Papa Paulo III, através da bula *Aequum Reputamus*[2]. Aquando da criação do Bispado, foi também criado o Cabido, integrando as dignidades de Deão, Arcediago, Chantre, Tesoureiro-mor, Mestre-escola e doze cónegos. Já um ano antes, a 22 de Agosto, a vila de Angra fora elevada à categoria de cidade.

D. João III, na carta de mantimento do bispo de Angra datada de 11 de Outubro de 1535, afirma ter suplicado ao Papa a concessão do direito de padroado e aposentadoria aos bispos nomeados e que a nomeação dos mesmos fosse por vontade real, reservando o direito de padroado e apresentação das "dignidades, conesias, e outros quaisquer benefícios, com cura ou sem cura" à jurisdição e governo da Ordem de Cristo[3]. Estendia-se esta jurisdição aos beneficios paroquiais e às colegiadas, com permissão de apresentar clérigos ou leigos (de ordens menores) para dignidades ou canonicatos. O bispo de Angra beneficiava das mesmas regalias e privilégios do bispo do Funchal. D. João III, como padroeiro e perpétuo administrador da poderosa Ordem de Cristo, pagaria uma renda anual que, no século XVII, ascendia a cerca de dez mil cruzados[4]. Esta afirmação não traz novidade, pois a jurisdição temporal do arquipélago estava sob a alçada da Ordem de Cristo pelo menos desde 5 de Abril de 1443, data de uma carta enviada por D. Afonso V a Gonçalo Velho Cabral, comendador das ilhas, isentando os moradores do arquipélago do pagamento da dízima[5].

A primeira menção documental à prática musical na Sé de Angra advém de um alvará, datado de 18 de Outubro de 1540, ordenando um aumento de oito mil réis ao "tamgedor dos órgãos da se da cidade d'Amgra, que ora tamge"[6], pressupondo que já previamente houvesse alguém a ocupar este posto, pelo menos desde a criação do Bispado, em 1534. A 27 de Abril de 1553, por carta de D. João III, encontram-se na Sé de Angra quatro moços de coro, nomeados pelo Bispo e com um ordenado anual de mil réis[7]. A estes, por alvará datado de 3 de Julho de 1561, são acrescentados mais dois moços de coro que também servissem na Sé, provenientes "do collegio dos mininos órfãos"[8], presumindo-se, pois, um aumento no serviço musical na Catedral angrense, requerendo assim mais cantores para os diversos serviços litúrgicos.

Apenas em 1567 (trinta e dois anos após a criação do Bispado), por alvará de 28 de Agosto, é criado oficialmente o posto de mestre-de-capela. A este são atribuidas funções específicas como a de "insinar canto cham e canto d'orgão [...] e asy em sinara de graça vinte moços pobres que o bispo lhe nomeara"[9]. Por aqui se vê que em 1567 já existe uma distinção entre "canto cham" (cantochão) e "canto d'orgão" (qualquer música escrita para mais de uma voz). Por esta distinção presume-se, com bastante clareza, que ambos coexistiriam na Sé de Angra em meados do século XVI. Este último ponto coloca em aberto a chegada da música de Duarte Lobo à Sé de Angra no século XVII, sendo a sua prática na Sé de Angra perfeitamente possível.

Duarte Lobo nasceu muito provavelmente em Lisboa, entre 1564 e 1569. Morreu na mesma cidade, a 24 de Setembro de 1646. Lobo terá entrado para o colégio dos moços de coro na Sé de Évora algures por volta de 1575, data em que tradicionalmente se coloca a entrada conjectural de Manuel Mendes (c. 1547-1605) na Sé como mestre da claustra (aquando da tomada de posse do Arcebispado de Évora pelo Cardeal D. Henrique[10]. Manuel Mendes terá sido mestre de Duarte Lobo (na Sé

de Évora ou na igreja de Santo Antão, dependente da Sé, onde Mendes dirigiu a capela musical até pelo menos Julho de 1584), tendo por colegas dois dos nomes mais proeminentes da polifonia portuguesa: Manuel Cardoso (1566-1650) e Filipe de Magalhães (c. 1571-1652), entre outros.

Lobo regressou a Lisboa, ocupando o posto de mestre-de-capela na Capela do Hospital Real. Tê-lo-á feito por volta do ano de 1591, pois em 1594 deu o seu parecer teórico sobre o *Liber Passionarum* de Frei Estêvão de Cristo. Este parecer só seria pedido a alguém que ocupasse algum cargo na Sé de Lisboa. Seria muito provavelmente Duarte Lobo já por essa altura beneficiado colado da Sé de Lisboa[11], onde foi mestre-de-capela desde cerca de 1591, posto que manteve até pelo menos 1639[12]. Este entrou na posse do Benefício de Quartanário, ocupando (crê-se), por inerência, também o posto de Reitor do Colégio de S. Bartolomeu, da Sé de Lisboa. Neste estabelecimento de ensino teve por discípulos António Fernandes, João Alvares Frouvo, Fernando de Almeida e Manuel Machado, entre outros nomes proeminentes da música em Portugal no século XVII.

Duarte Lobo parece ter gozado de grande prestígio nos postos musicais que ocupou em Lisboa. Comprova-o a crónica de uma cerimónia na Sé de Lisboa, a 21 de Março de 1639, aquando do regresso de Madrid do Arcebispo D. Rodrigo da Cunha. Lobo, valendo-se do seu posto como mestre de capela, entoou o salmo *In Exitu Israel*[13], numa clara atitude de desafio aos castelhanos ali presentes[14]. Alegria propõe a tese de que esta atitude por parte de Duarte Lobo se deveria a um sentimento patriótico, numa quase premonição da Restauração da Independência, encabeçada por D. João (futuro D. João IV) a 1 de Dezembro de 1640. Para tal, além desta crónica, baseia-se também na dedicatória do segundo *Liber Missarum*, de 1639, ao Duque de Bragança[15].

De Duarte Lobo imprimiram-se ao todo seis obras, em Lisboa e Antuérpia. A escolha desta segunda cidade parece prender-se com a inexistência, na capital portuguesa, de uma oficina que possuísse caracteres móveis de impressão musical[16].

A primeira obra impressa intitula-se *Opuscula: Natalitiae noctis responsoria… Missa eiusdem noctis… Beata Mariae Virginis antiphonae…*, impressa em pequenos livros de partes em Antuérpia na Oficina Plantiniana por João Moreto, no ano de 1602, com uma tiragem de quinhentos exemplares. Esta publicação contém dois conjuntos de responsórios para o Natal (um a oito vozes, outro a quatro vozes), uma missa a oito vozes, também para o Natal, as antífonas marianas *Alma Redemptoris Mater*, *Ave Regina Caelorum* e *Regina Caeli* a oito vozes e um *Salve Regina* a onze vozes[17].

No ano seguinte, em 1603, publicou em Lisboa um livro de cantochão contendo orações e cerimonial *pro defunctis* segundo o Rito Romano. Intitula-se esta edição por *Ordo amplissimus precationum caeremoniarumque…* para uso da Confraria da Caridade da cidade de Lisboa, tendo sido impresso na oficina de Pedro Craesbeeck[18].

Lobo publica o *Cantica B. Mariae Virginis* em 1605, livro de facistol (ou livro de estante) impresso por João Moreto na Oficina Plantiniana em Antuérpia, com uma tiragem de trezentos e cinquenta exemplares. Trata-se de um livro de *Magnificats* que são postos em música, como era costume da altura, nos oito modos eclesiásticos, em duas partes: a primeira contendo os versos ímpares do hino, a segunda contendo os versos pares[19].

Em 1607 aparece outra publicação de cantochão, destinada à igreja de Lisboa, o *Liber processionum et stationum Ecclesiae Olysiponensis*. Trata-se de um livro contendo os responsórios, as antífonas e outras peças cantadas durante as procissões e estações. Foi publicado em Lisboa, na oficina de Pedro Craesbeeck[20].

Após esta última publicação (de 1607), existe um interregno na edição musical de Duarte Lobo que só se vem a desfazer com a publicação, em 1621, do seu (primeiro) *Liber Missarum*. Este livro de facistol é publicado em Antuérpia na Oficina Plantiniana por Baltasar Moreto, tendo uma tiragem de duzentos exemplares. Contém duas antífonas, oito missas e dois motetes[21].

Lobo publica o *Liber II Missarum III. V. et VI. Vocibus*, a sua derradeira obra, em 1639, em Antuérpia, na Oficina Plantiniana, por Baltazar Moreto, com uma tiragem de cento e trinta exemplares. Trata-se de um livro de facistol contendo as características duas antífonas iniciais, sete missas e um responsório fúnebre[22].

Para além da música impressa, sobrevive em formato manuscrito o hino *Gloria, laus, et honor*, conservado na Biblioteca Pública de Évora. No catálogo da Biblioteca de D. João IV existem referências a obras de Duarte Lobo que entretanto se perderam com o terramoto de 1755. São elas: dois vilancicos, cinco missas, quatro sequências, quatro lições para o *Officium Defunctorum*, dez salmos de Vésperas e um *Magnificat*[23].

Do *Liber Missarum* de 1621 foram impressas em Antuérpia duzentas cópias. Destas, foram até ao momento identificadas treze: três em Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade[24] (sendo uma destas proveniente do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra); duas em Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal[25], em Évora, Arquivo Sé; em Elvas, Arquivo da Sé; em Lamego; em Sevilha, Arquivo Musical da Catedral; em Badajoz; em Córdova; no México e em Oxford, Bodleian Library; tendo a décima quarta sido recentemente identificada em Angra do Heroísmo, Arquivo Capitular da Sé. Sabe-se (pelos inventários do século XVII e finais do século XVIII) que a Catedral de Toledo também possuiu um volume do *Liber Missarum*, entretanto perdido.

A edição do *Liber Missarum*[26] existente no Arquivo Capitular da Sé de Angra encontra-se num estado de conservação bastante razoável. Trata-se de um livro de facistol de 560 por 420 milímetros, composto por 165 fólios[27], encontrando-se as vozes escritas como tradicionalmente aparecem nas publicações do género: *cantus* e *tenor* no *verso* do fólio e *altus* e *bassus* no *recto* do fólio. Parece possuir a encadernação original, de pastas de madeira revestidas a couro gravado a ferros secos em ambas as pastas. A lombada, de seis nervos, é também ela gravada a ferros secos. Possuiu outrora o volume dois fechos, entretanto cortados, faltando toda a ferragem.

Ao volume falta a página de rosto, começando este com o primeiro fólio da dedicatória, conservando os restantes fólios intactos. Alguns fólios aparecem rasgados na parte inferior, não comprometendo, contudo, a interpretação do texto musical. Outros apresentam marcas de bibliófagos. O volume apresenta

N.º	FÓLIOS		VV	ÂMBITO	
01	1-2	Asperges me	4	g2, c2, c3, c4	
02	3-4	Vidi aquam	4	c1, c3, c4, F4	
03	5-19	Missa De Beata Virgine	4	g2, c2, c3, c4	
04	20-34	Missa Sancta Maria	4	g2, c2, c3, c4	Francisco Guerrero (Motetta, 1570)
05	35-50	Missa Dicebat Iesus	4	c1, c3, c4, F4	Francisco Guerrero (Motetta, 1570)
06	51-68	Missa Valde honorandus est	4	g2, c2, c3, c4	Giovanni P. da Palestrina (Motecta… liber primus, 1563)
07	70-89	Missa Elizabeth Zachariae	5	g2, c2, c3, c3, F3	Francisco Guerrero (Motetta, 1570)
08	91-113	Missa Veni Domine	6	g2, g2, c2, c2, c3, F3	Giovanni P. da Palestrina (Motettorum liber secundus, 1572)
09	115-139	Missa Cantate Domino	8	c1, c3, c4, F4/c1, c3, c4, F4	
10	141-160	Missa pro Defunctis	8	c1, c1, c3, c3, c4, c4, F4, F4	
11	162-163	Pater peccavi	5	g2, g2, c2, c3, c4	
12	164-165	Audivi vocem de caelo	6	c1, c1, c3, c3, c4, F4	

Conteúdo do *Liber Missarum* (Antuérpia, 1621)

tinta de cor negra sobre o fólio branco, sendo a notação mensural impressa a negro sobre pentagrama negro, possuindo cada fólio dez pentagramas. As letras iniciais das rubricas e secções principais (*Gloria*, *Et incarnatus*, etc.) aparecem decoradas com bonitas iluminuras, representando cenas bíblicas. Estas são resultado da minuciosidade e alta qualidade das edições plantinianas, assim como da edição musical em Antuérpia no Renascimento tardio.

Numa análise atenta aos fólios, observa-se que algumas zonas do livro tiveram bastante uso. As obras que parecem ter sido feitas mais vezes são a antífona *Asperges Me* e a missa *Sancta Maria*[28], pois o escurecimento dos fólios no canto inferior direito, local usual de viragem de página, pressupõe terem estes sido virados por inúmeras vezes. O verso do último fólio contém a seguinte inscrição: *ANTUERPIÆ. / EX OFFICINA PLANTINIANA / BALTHASARIS MORETI. / M. DC. XXI.*

O *Liber Missarum* (1621) de Duarte Lobo compõe-se de duas antífonas (*Asperges me* e *Vidi aquam*, como é usual nos volumes de missas), oito missas a quatro, cinco, seis e oito vozes, e termina com dois motetes a cinco e seis vozes respectivamente. As duas antífonas com que inicia – *Asperges me* e *Vidi aquam* – são intercaladas com secções em cantochão, como é característico desta forma, aparecendo estas secções de cantochão notadas no *tenor*. A missa *De Beata Virgine* aparenta ser uma missa paráfrase; contudo, poderá alguma das missas *De Beata Virgine* de Francisco Guerrero (1528-1599), ambas a quatro vozes (I, *Liber Primus Missarum*, Paris, 1566; II, *Missarum Liber Secundus*, Roma, 1582), ter eventualmente servido de modelo ao desenho melódico da missa de Lobo. A missa *Sancta Maria* é uma missa paródia baseada no motete a quatro vozes *Sancta Maria sucurre miseris* (*Motteta*, Veneza, 1570) de Francisco Guerrero. A missa *Dicebat Iesus*, tal como a anterior, é uma paródia baseada no motete a quatro vozes *Dicebat Iesus turbis* (*Motteta*, Veneza, 1570), também de Francisco Guerrero. A missa *Valde honorandus est*, também ela uma missa paródia, baseia-se no motete a quatro vozes *Valde honorandus est* (*Motecta festorum totius anni… Liber primus*, Roma, 1563) de Giovanni Pierluigi da Palestrina (c. 1525-1594).

A missa *Elizabeth Zachariae*, para cinco vozes, é uma paródia sobre o motete a cinco vozes (*Motteta*, Veneza, 1570) de Francisco Guerrero. A missa *Veni Domine*, para seis vozes, baseia-se no motete (também a seis vozes) *Veni Domine* (*Motettorum liber secundus*, Veneza, 1572) de Giovanni P. da Palestrina. A missa *Cantate Domino*, para oito vozes divididas em dois coros, poderá ter tido como base algum dos motetes de Guerrero ou Palestrina. A missa *pro Defunctis*, para oito vozes, tem como base o respectivo *cantus firmus* litúrgico. No motete *Pater peccavi* um segundo texto, *miserere mei Deus*, é atribuído ao *cantus* 2.º sendo uma citação do motivo ostinato do motete *Miserere mei, Deus* de Josquin Desprez. O motete *Audivi vocem de caelo* teve particular fama em Inglaterra, durante o século XVIII, fazendo parte do repertório de sociedades corais como a Oxford Musical Society, Academy of Ancient Music ou a Madrigal Society[29].

Desconhece-se a proveniência deste volume, assim como a sua chegada à Sé de Angra. A ausência de quaisquer marcas de posse ou anotações não permitem identificar quaisquer possuidores ou guardiães do *Liber Missarum* de Duarte Lobo. Algumas hipóteses se levantam quanto à sua chegada à Sé de Angra, sobressaindo de entre elas uma, que está directamente ligada à proveniência dos bispos desta diocese.

Esta hipótese prende-se com a própria actividade musical na Sé de Angra desde a sua fundação como Bispado. Parece já existir uma prática musical aquando da criação do Bispado, se não polifónica ao menos no que à prática do cantochão diz respeito. Pela documentação quinhentista[30] (atrás mencionada) pode-se depreender que as decisões nela reportadas vêm alterar situações que já existiam há algum tempo na Sé de Angra. Assim sendo, ao longo do século XVII já existiria uma prática musical estabelecida, com pelo menos um século de tradição, potenciando a instituição e consolidando uma prática polifónica regular. Não seria, pois, surpreendente que o *Liber Missarum* de Duarte Lobo fizesse parte de um *corpus* de repertório polifónico destinado ao uso da catedral.

Como atrás foi mencionado, El-Rei D. João III e seus sucessores reservaram para si o poder de propor a nomeação

dos Bispos de Angra. Estes pertenciam ou estavam indirectamente ligados à Ordem de Cristo. Esta, pelo seu poder (económico), poderia ter patrocinado a aquisição deste livro. Poderiam ter, inclusive, os próprios Bispos de Angra adquirido o *Liber Missarum* para uso na catedral. Estes seriam, à partida, aqueles com mais facilidade económica para adquirir um livro que, na altura, era pago a peso de ouro. A corroborar esta última hipótese estão os locais de proveniência destes bispos no momento em que tomam posse do Bispado de Angra.

Há, também, que referir o facto de Duarte Lobo ter gozado de bastante fama, sendo a sua obra conhecida na Península Ibérica, Flandres (devido a ter impresso a sua obra em Antuérpia) e cidades limítrofes, Inglaterra e no Novo Mundo. Diz-nos José Augusto Alegria[31] que "os artistas eram apenas citados ocasionalmente e por pessoas a eles ligados, não por interesses de elogio mútuo [...] mas apenas ou pelo conhecimento directo da obra ou pela aceitação do testemunho dos entendidos". António Fernandes, na sua *Arte de Música* (Lisboa, 1626), tece os maiores elogios ao seu mestre Duarte Lobo, a quem dedica esta obra. A obra de Fernandes, sendo teórica, poderá ter servido como meio de expansão do nome e prestígio de Duarte Lobo.

Parte-se do princípio de que, publicado o *Liber Missarum* no ano de 1621, nunca chegaria a Angra antes de 1623, ano da tomada de posse do décimo primeiro Bispo de Angra D. Pedro da Costa Leal. Este bispo (nascido no Porto) estudou em Coimbra, laureando-se doutor em Teologia por volta de 1605. Em 1612, ascendeu a cónego magistral da Sé de Évora[32]. Por este percurso vê-se que passou por dois grandes centros de actividade polifónica do Reino (Coimbra e Évora) onde terá certamente contactado com a música aí praticada, assim como com quem a praticava (mestres-de-capela e compositores, cantores, instrumentistas, etc.).

O sucessor de D. Pedro da Costa Leal, D. João Pimenta de Abreu, tem um percurso em tudo semelhante. Este Bispo nasceu em Ponte da Barca (Norte de Portugal), passando pelas Sés de Lamego, Braga e Coimbra, ocupando a dignidade de chantre nesta última[33]. Novamente, o seu percurso faz-se por centros de forte tradição polifónica, como é o caso da Sé de Braga[34]. Filho de nobres, poderá ter sido este Bispo a proporcionar a vinda do *Liber Missarum* para a Sé de Angra.

Os seus dois sucessores não se apresentam como possibilidades de igual importância como os anteriores: D. Frei António da Ressurreição e D. Frei Lourenço de Castro, décimo terceiro e décimo quarto Bispos de Angra respectivamente. Ambos provinham da Ordem de São Domingos e, por consequência, desprovidos de quaisquer bens supérfluos. Contudo, em ambos existem ligações aos importantes centros de actividade polifónica como Évora e Coimbra (no caso de D. Frei António) e Lisboa (no caso de D. Frei Lourenço) e, uma vez na posse do Bispado, teriam à sua disposição os fundos necessários para adquirir o que fosse necessário para o uso na catedral[35].

O décimo quinto Bispo de Angra, D. Frei João dos Prazeres, poderá muito bem ter sido quem para Angra trouxe o *Liber Missarum* de Duarte Lobo. Nascido em Évora, fez estudos no Colégio do Espírito Santo da Companhia de Jesus em Évora, local de intensa actividade polifónica ao longo do século XVII, tomando hábito franciscano[36]. Aí se tornou Lente em 1672. É proposto para Bispo de Angra por D. Pedro II e confirmado pelo Papa Inocêncio XI a 8 de Março de 1683. Foi sagrado Bispo de Angra em Lisboa a 16 de Maio desse mesmo ano, tomando posse da Diocese a 22 de Agosto. Em termos de gestão financeira, o período de governação de D. Frei João dos Prazeres terá sido bastante conturbado. À data da sua morte, a 1 de Fevereiro de 1685, a diocese encontrava-se algo endividada, tendo sido arrematada em hasta pública a prata que servira nos pontificais, a fim de saldar as dívidas. Contudo, conseguiu o Cabido reavê-la utilizando para tal os fundos da Mitra e das Chancelarias[37]. Este endividamento seria quase certamente uma situação que se arrastava dos predecessores de D. Frei João dos Prazeres. Esta dívida poderá ter sido o resultado de uma aquisição desmesurada de bens, onde poderia hipoteticamente ter sido incluído o *Liber Missarum* de Lobo.

Uma explicação alternativa para a existência do *Liber Missarum* na Sé de Angra prende-se com o próprio sistema de circulação da música no século XVI e XVII. Os lucros de uma edição musical obtidos pelo impressor, assim como pelo compositor, não vinham propriamente do processo de impressão da obra, mas sim de uma eficaz circulação dessa mesma obra. Impressores e livreiros seiscentistas possuíam uma intricada rede de contactos (livreiros, impressores, revendedores, etc.) a nível internacional, quase sempre estabelecidos numa base familiar. Estes contactos situavam-se nos maiores centros musicais europeus, locais de grande dinâmica musical e, consequentemente, com um grande mercado de consumo de música. Possuíam também indivíduos – intitulados *mercatori* – que se deslocavam por várias cidades vendendo livros, entre os quais se encontravam edições musicais[38].

Partindo desta base, poder-se-á conjecturar que, uma vez impressas duzentas cópias na Oficina Plantiniana, uma grande percentagem destas terá tido como destino o território nacional, a fim de fornecer livreiros mas, sobretudo, as capelas das várias catedrais e instituições religiosas portuguesas. Contudo, o envio dos impressos para estas instituições não pressupunha um pagamento real do custo dos mesmos. Um exemplo claro provém de uma nota da reunião, a 4 de Dezembro de 1623, do Cabido da Sé de Coimbra. Nela se faz referência a um livro "de canto d'orgão" enviado por Lobo, dando-se instrução para que este livro fosse avaliado e se desse parecer da quantia que o Cabido haveria de pagar por ele[39]. Através deste documento podem ser conjugadas duas ideias fulcrais: a primeira é que, tal como nos outros centros europeus, também em Portugal existiu uma prática de envio de obras para as instituições (neste exemplo específico uma catedral) a fim de que estas as pudessem ou não adquirir. Segundo, a aquisição dessas obras, assim como a importância a pagar pelas mesmas, era feita com base numa avaliação local (muito provavelmente pelo mestre de capela da instituição em causa) sendo assim o preço decidido não pelo vendedor mas pelo comprador, o que claramente prejudicaria o primeiro em termos dos lucros obtidos na sua venda.

Tal poderá ter sido o caso do *Liber Missarum* existente na Sé de Angra. Sendo uma catedral com uma prática musical

estabelecida, certamente que Lobo teria interesse em enviar esse volume. Esse interesse poderá ainda ter sido acentuado com o facto de que todos os bispos de Ângra durante os séculos XVI e XVII provinham de grandes centros musicais, como é o caso de Lisboa, Évora e Coimbra. A conjugação destes dois factores terá eventualmente contribuído para um possível interesse e igualdade relativamente às restantes instituições eclesiásticas portuguesas no envio do *Liber Missarum*. Contudo, a documentação que sobrevive sobre as reuniões e acórdãos do Cabido da Sé de Ângra, a quem caberia (como no caso da Sé de Coimbra) decidir sobre a importância a pagar pela obra, não esclarece em detalhe sobre a compra ou não dos livros para uso na catedral, na maioria dos casos caindo os assentos das actas na generalidade de somente apontar os presentes e quem presidiu à reunião.

Assim, é resumindo este levantamento de hipóteses, toma forma a ideia de que o *Liber Missarum* de Duarte Lobo fez parte integrante de um *corpus* de música polifónica outrora existente na Sé de Ângra, tendo sido utilizado nos serviços litúrgicos da mesma catedral. Persiste, contudo, a dúvida sobre quem o terá adquirido, havendo a possibilidade de ter sido um dos sucessivos bispos de Ângra, pelo seu poder económico e conhecimento musical, a adquiri-lo para uso nesta catedral durante o século XVII, a par da possibilidade de ter chegado à catedral angrense através do sistema tradicional de circulação da música em vigor durante os séculos XVI e XVII.

NOTAS

1 COSTA, Susana Goulart, "A Igreja: implantação, práticas e resultados", in *História dos Açores: Do descobrimento ao século XX*, dir. Artur Teodoro de Matos, Avelenino de Freitas de Meneses e José Guilherme Reis Leite, vol. I, Ângra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2008, p. 175.

2 MOTA, Valdemar, *Santa Sé do Salvador. Igreja Catedral dos Açores*, 2.ª ed., Ângra do Heroísmo, Sé de Ângra, 2007, p. 13.

3 *op. cit.*, p. 13.

4 *op. cit.*, p. 17.

5 COSTA, Susana Goulart, "A Igreja: implantação, práticas e resultados" [vide 1], p. 178.

6 WHITE, Charles-Martial, "Documents des Archives du Chapitre d'Ângra", *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, xxv-xxvi, 1967-68, p. 32.

7 *op. cit.*, p. 38.

8 *op. cit.*, p. 57.

9 *op. cit.*, p. 78.

10 ALEGRIA, José Augusto, *Polifonistas Portugueses: Duarte Lobo, Filipe de Magalhães, Francisco Martins*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984, p. 13. Sobre Manuel Mendes, veja-se também ALVARENGA, João Pedro d', "Manuscript Évora. Biblioteca Pública, Cód. CIi/1-3: Its Origin and Contents, and The Stemmata of Late-Sixteenth- and Early-Seventeenthcentury Portuguese Sources", *Anuario musical*, n.º 66, Enero-Diciembre 2011, pp. 137-158.

11 *op. cit.*, p. 18.

12 BORGES, Armindo, Lobo, Duarte [Lupus, Eduardus], www.oxfordmusiconline.com (Acedido 11 de Abril de 2012).

13 Este salmo narra a libertação do povo de Israel do cativeiro do Egipto, a passagem pelo Mar dos Juncos e a conquista da Terra Prometida.

14 ALEGRIA, José Augusto, *Polifonistas Portugueses: Duarte Lobo, Filipe de Magalhães, Francisco Martins* [vide 10], p. 19.

15 *op. cit.*, p. 20.

16 *op. cit.*, p. 31.

17 *op. cit.*, p. 35-36.

18 *op. cit.*, p. 37.

19 *op. cit.*, p. 39.

20 *op. cit.*, p. 40. Disponível na Biblioteca Nacional Digital (http://purl.pt/17461)

21 *op. cit.*, p. 42.

22 *op. cit.*, p. 44-48.

23 *op. cit.*, p. 51-52.

24 Com as cotas MI-3, MI-4 e MI-5.

25 Com as cotas CIC3.

26 Possui este impresso no Arquivo Capitular a cota IM-010.

27 A numeração deste impresso não corresponde à típica numeração por *recto e verso*. Numeração dos fólios no *verso*, repetindo-se no *recto* do fólio seguinte. Desta forma, o número repete-se nos dois fólios, que correspondem aos fólios visíveis quando o livro está aberto.

28 Estas obras correspondem aos fólios 1-2 e 20-34, respectivamente.

29 REES, Owen, "Adventures of Portuguese 'Ancient Music' in Oxford, London, and Paris: Duarte Lobo's *'Liber Missarum'* and Musical Antiquarism, 1650-1850", *Music and Letters*, vol. 86, n.º 1, Fevereiro de 2005, p. 43.

30 São estes documentos o alvará de pagamento ao tangedor dos órgãos, a carta de criação de mais quatro moços de coro e o alvará de nomeação do mestre de capela.

31 ALEGRIA, José Augusto, *Polifonistas Portugueses: Duarte Lobo, Filipe de Magalhães, Francisco Martins* [vide 10], p. 21.

32 MOTA, Valdemar, *Santa Sé do Salvador. Igreja Catedral dos Açores* [vide 2], p. 127.

33 *op. cit.*, p. 128.

34 ALEGRIA, José Augusto, *Polifonistas Portugueses. Duarte Lobo, Filipe de Magalhães, Francisco Martins* [vide 10], pp. 35-49.

35 *op. cit.*, pp. 35-86.

36 COSTA, Susana Goulart, "Igreja, religiosidade e comportamentos", in *História dos Açores: Do descobrimento ao século XX*, dir. Artur Teodoro de Matos, Avelenino de Freitas de Meneses e José Guilherme Reis Leite, vol. I, Ângra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2008, p. 411.

37 MOTA, Valdemar, *Santa Sé do Salvador. Igreja Catedral dos Açores* [vide 2], p. 133.

38 BERNSTEIN, Jane, *Print Culture and Music in Sixteenth-Century Venice*, Oxford, Oxford University Press, 2001, p. 85.

39 ALEGRIA, José Augusto, *Polifonistas Portugueses: Duarte Lobo, Filipe de Magalhães, Francisco Martins* [vide 10], p. 42.

BIBLIOGRAFIA

ALEGRIA, José Augusto, *Polifonistas Portugueses: Duarte Lobo, Filipe de Magalhães, Francisco Martins*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984.

ALEGRIA, José Augusto, *O Ensino e Prática da Música nas Sés de Portugal* (da Reconquista aos Fins do Século XVI), Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1985.

Alvarenga, João Pedro d', "Manuscript Évora, Biblioteca Pública, Cód. CIi/1-3: Its Origin and Contents, and The Stemmata of Late-Sixteenth- and Early-Seventeenthcentury Portuguese Sources", *Anuario musical*, n.º 66, Janeiro-Dezembro 2011, pp. 137-158.

BERNSTEIN, Jane, *Print Culture and Music in Sixteenth-Century Venice*, Oxford, Oxford University Press, 2001, pp. 85-114.

BORGES, Armindo, *Duarte Lobo: Studien zum Leben und Schaffen des Portugiesischen Komponisten*, Regensburg, Gustav Bosse Verlag, 1986.

BORGES, Armindo, Lobo, Duarte [Lupus, Eduardus], www.oxfordmusiconline.com (Acedido 11 de Abril de 2012).

COSTA, Susana Goulart, "A Igreja: implantação, práticas e resultados", in *História dos Açores: Do descobrimento ao século XX*, dir. Artur Teodoro de Matos, Avelino de Freitas de Meneses e José Guilherme Reis Leite, vol. I, Ângra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 2008, pp. 173-198.

COSTA, Susana Goulart, "Igreja, religiosidade e comportamentos", in História dos Açores. Do descobrimento ao século XX, dir. Artur Teodoro de Matos, Avelenino de Freitas de Meneses e José Guilherme Reis Leite, vol. I, Ângra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2008, pp. 405-431.

LUPER, Albert, "Portuguese Polyphony in the Sixteenth and Early Seventeenth Centuries", *Journal of the American Musicological Society*, vol. 3, n.º 2, Verão de 1950, pp. 93-112.

MONTE, Gil do, *Pe. Duarte Lobo. Da Sua Vida e Obra: 1575-1975*, Évora, Gráfica Eborense, 1976.

MOTA, Valdemar, *Santa Sé do Salvador. Igreja Catedral dos Açores*, 2.ª ed., Ângra do Heroísmo, Sé de Ângra, 2007.

REES, Owen, "Adventures of Portuguese 'Ancient Music' in Oxford, London, and Paris: Duarte Lobo's *'Liber Missarum'* and Musical Antiquarism, 1650-1850", *Music and Letters*, vol. 86, n.º 1, Fevereiro de 2005, pp. 42-73.

STELLFELD, Jean-Auguste, *Bibliographie des Éditions Musicales Plantiniennes*, Bruxelas, Palais des Académies, 1949.

WHITE, Charles-Martial, "Documents des Archives du Chapitre d'Ângra", *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, xxv-xxvi, 1967-1968.